

# ENTRE SILÊNCIOS E SUSSURROS: LGBTQIAPN+FOBIA EM ESCOLAS MILITARES/MILITARIZADAS

## BETWEEN SILENCES AND WHISPERS: LGBTQIAPN+PHOBIA IN MILITARY/MILITARIZED SCHOOLS

Jhonatan Wendell Tavares Ferreira 1  
Heriverto Nunes Mendonça Júnior 2  
Kelly Almeida de Oliveira 3

**Resumo:** A presença de LGBTQIAPN+fobia nas escolas militares/militarizadas é uma questão preocupante e merece atenção. Nosso objetivo é analisar as reportagens publicadas de 2016 a 2023, que abordam casos de discriminação e preconceito dirigidos às pessoas LGBTQIAPN+ nesses ambientes. Para análise, desenvolvemos uma abordagem descritiva-interpretativa, apresentada de forma detalhada em texto dissertativo. Como aporte teórico, mobilizamos os estudos de Butler (2002; 2018), hooks (2013; 2019) e Foucault (1996; 1997 e 2017). Os dados das entrevistas foram interpretados com o auxílio da Análise Textual Discursiva (ATD) (Moraes e Galiuzzi, 2016), possibilitando uma análise das narrativas e discursos sobre a LGBTQIAPN+fobia. A análise das reportagens ressaltou a importância de políticas educacionais e programas de conscientização específicos para abordar a LGBTQIAPN+fobia. A criação de ambientes escolares seguros e acolhedores é fundamental para garantir que o corpo discente possa aprender e se desenvolver plenamente, livre do medo e da discriminação.

**Palavras-chave:** Gêneros e sexualidades. LGBTQIAPN+fobia. Escolas Militares/Militarizadas. Inclusão.

**Abstract:** The presence of LGBTQIAPN+phobia in military/militarized schools is a worrying issue that deserves attention. Our aim is to analyze the reports published between 2016 and 2023, that address cases of discrimination and prejudice directed at LGBTQIAPN+ people in these environments. For analysis, we developed a descriptive-interpretative approach, presented in detail in a dissertation text. As a theoretical contribution, we mobilized the studies of Butler (2002; 2018), hooks (2013; 2019) and Foucault (1996; 1997 and 2017). The data from the interviews was interpreted with the support of Textual Discourse Analysis (TDA) (Moraes and Galiuzzi, 2016), enabling an analysis of the narratives and discourses on LGBTQIAPN+phobia. The analysis of the reports highlighted the importance of specific educational policies and awareness programs to address LGBTQIAPN+phobia. Creating safe and welcoming school environments is fundamental to ensuring that students can learn and develop fully, free from fear and discrimination.

**Keywords:** Genders and sexualities. LGBTQIAPN+phobia. Military/Militarized Schools. Inclusion.

- 1 Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Gestão do Ensino da Educação Básica (PPGEEB) na Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e atualmente, exerce a função de docente externo no âmbito do Programa Nacional de Professores da Educação Básica (PARFOR), vinculado à Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Lattes: <https://lattes.cnpq.br/5782055032870161>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-5754-7666>. E-mail: [jhonatan.wtf@discente.ufma.br](mailto:jhonatan.wtf@discente.ufma.br)
- 2 Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Gestão do Ensino da Educação Básica (PPGEEB) na Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Lattes: <https://lattes.cnpq.br/1881076814736095>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-8930-8729>. E-mail: [heriverto.nunes@discente.ufma.br](mailto:heriverto.nunes@discente.ufma.br)
- 3 Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática pela REAMEC/UFMT (2022). Atualmente é Professora Adjunta - Nível 2 da UFMA em Codó e Professora Colaboradora do Programa de Pós-graduação em Gestão da Educação Básica no Centro de Ciências Sociais - UFMA; Coordenadora do Curso de Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Matemática no Ensino Fundamental (UFMA/Codó). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6665636259576060>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9397-3607>. E-mail: [ka.oliveira@ufma.br](mailto:ka.oliveira@ufma.br)

## Do inaudível aos ecos da transgressão: aproximações iniciais

As escolas militares/militarizadas representam instituições educacionais que possuem uma longa história de preparação de jovens para o serviço militar e, mais recentemente, para o desenvolvimento de líderes em diversas áreas da sociedade. A ênfase na disciplina, hierarquia e formação cívica tem sido uma característica marcante ao longo dos anos. No entanto, à medida que a sociedade se desenvolve e os valores culturais se transformam, torna-se cada vez mais relevante discutir a importância de abordar temas transversais atuais que permeiam o mundo contemporâneo e orientam a sociedade.

O mundo está em constante mudança e as instituições de ensino, incluindo as escolas militares/militarizadas, precisam acompanhar essas transformações. A discussão aberta sobre gênero e sexualidade torna-se uma parte importante do diálogo contemporâneo e permite avanços significativos na compreensão da diversidade sexual e da igualdade de gênero. A inclusão desses temas nas escolas militares/militarizadas não apenas reflete a adesão dessas instituições às mudanças sociais, mas também prepara os estudantes para liderar em um mundo diverso e heterogêneo.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (Brasil, 1998), a Orientação Sexual é um tema transversal que desempenha um papel crucial no desenvolvimento de pessoas e na construção de sociedades saudáveis e informadas. Nas últimas décadas, temos observado mudanças significativas no reconhecimento da importância de incluir a educação sexual nas escolas, proporcionando informações abrangentes sobre sexualidade, relacionamentos e saúde e, ainda, oferecendo a possibilidade de compreensão do próprio corpo, identidade de gênero e orientação sexual. Além disso, ela ajuda a prevenir situações de abuso e assédio sexual. Essa compreensão desde cedo não apenas contribui para a saúde física e emocional, mas também cria uma base para relacionamentos saudáveis e respeitosos no futuro.

Ao incorporar a educação sexual nas escolas, estamos formando pessoas para tomar decisões responsáveis sobre a sua vida sexual e reprodutiva. Isso inclui o entendimento dos métodos contraceptivos, prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e planejamento familiar. O acesso a informações precisas e não tendenciosas é fundamental para garantir que todas as pessoas tenham controle sobre sua própria saúde e bem-estar.

As escolas militares/militarizadas têm uma longa e venerável tradição, muitas vezes marcada por uma cultura que valoriza a disciplina, a hierarquia e o rigor acadêmico. Esse tradicionalismo é uma característica distintiva dessas instituições e desempenha um papel fundamental na formação de pessoas. Ao longo dos anos, essas escolas também passaram por transformações significativas para se adaptar às demandas da sociedade contemporânea.

A inclusão de temas transversais, como a Orientação Sexual, pode ajudar a reduzir estigmas e discriminação dentro das escolas militares/militarizadas. Isso cria um ambiente mais acolhedor para todas as pessoas independentemente de sua orientação sexual e/ou identidade de gênero e fortalece a coesão das equipes que trabalham nessas instituições, promovendo a confiança e o respeito mútuo.

Diante do tradicionalismo enraizado em sua cultura, as escolas militares/militarizadas enfrentam o desafio premente de conciliar a necessidade de se adaptar a uma sociedade em constante transformação. Como podem tais instituições promover valores de diversidade e inclusão contemporâneos e ao mesmo tempo lidar com a persistência alarmante de casos de LGBTQIAPN+fobia<sup>1</sup>, conforme evidenciado nas notícias?

O objetivo deste artigo é analisar notícias veiculadas nas mídias digitais no período de 2016 a 2023 que relatam casos de discriminação e violência por motivos de orientação sexual e identidade de gênero em contextos de escolas militares/militarizadas. Apresentamos uma compilação de situações ocorridas nesses ambientes, destacando depoimentos de ex-discentes que vivenciaram

<sup>1</sup> A sigla representa uma ampla gama de identidades de gênero e orientações sexuais. Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais, Não-binários e o "+" indica que a sigla é flexível e pode abranger uma variedade de identidades e orientações, reconhecendo a diversidade e a evolução das compreensões sobre gênero e sexualidade. A "fobia" na expressão "LGBTQIAPN+fobia" refere-se ao medo, aversão, discriminação ou preconceito em relação a pessoas com essas identidades ou características. Portanto, a "LGBTQIAPN+fobia" é a hostilidade ou preconceito direcionado a indivíduos que não se conformam com as normas tradicionais de orientação sexual, identidade de gênero ou características sexuais (Borrillo, 2010).

discriminações, assim como relatos de docentes que enfrentaram obstáculos ao tentarem abordar tais temas dentro dessas instituições de ensino.

A estrutura deste artigo está dividida em sete seções distintas. Iniciamos com esta introdução que proporciona uma visão panorâmica da situação atual das instituições de ensino militar em relação ao tema transversal Orientação Sexual e a LGBTQIAPN+fobia. Em seguida, em “Guiando os sussurros: uma abordagem metodológica”, apresentamos a metodologia que foi escolhida para a pesquisa. Na terceira seção: “Gêneros e sexualidades: uma odisséia pela heteronormatividade em escolas militares/militarizadas”, abordamos a importância de se discutir gênero e sexualidade nas escolas, destacando os benefícios de uma educação inclusiva e informada. Na seção seguinte: “Rompendo silenciamentos: LGBTQIAPN+fobia nas trincheiras de escolas militares/militarizadas”, apresentamos as notícias que foram amplamente divulgadas no lapso temporal de 2016 a 2023. Na quinta seção: “Gritos de socorro: narrativas de ex-estudantes e a LGBTQIAPN+fobia em escolas militares/militarizadas”, analisamos as narrativas e situações amplamente divulgadas pela mídia, exemplificando as complexidades e desafios enfrentados por ex-estudantes. Em “Retirando as mordidas: narrativas de docentes”, apresentamos as dificuldades, limitações e restrições que docentes tiveram dentro dessas instituições. Por fim, nas considerações finais: “Vozes dissonantes: a propositura de enfrentamento à LGBTQIAPN+fobia”, aprofundamos nossa análise e fornecemos percepções sobre os caminhos a seguir para promover um ambiente educacional mais igualitário e respeitoso em escolas militares/militarizadas.

## **Guiando os sussurros: uma abordagem metodológica**

A metodologia deste estudo baseou-se na análise de notícias veiculadas pela mídia no período de 2016 a 2023. As notícias foram obtidas por meio de uma investigação sistemática realizada a partir de ferramentas de busca na internet, como o Google, com termos-chave específicos, incluindo “homofobia em escolas militares” e “discriminação de gênero em ambiente militar”.

A escolha desse período específico deve-se ao objetivo de abranger um período significativo para analisar tendências ao longo do tempo. Para a seleção das reportagens, estabelecemos critérios que incluíram a relevância direta para o tema, a credibilidade da fonte, a inclusão de detalhes sobre incidentes de LGBTQIAPN+fobia nas escolas militares/militarizadas e a diversidade de contextos e regiões abordados. Dessa forma, identificamos um conjunto representativo de reportagens que permitiu uma análise abrangente das questões envolvendo a discriminação e o preconceito ao longo desse período. Para realizar as análises, adotamos uma abordagem descritiva-interpretativa, detalhadamente apresentada em um formato textual dissertativo.

As narrativas são analisadas com base em quatro categorias centrais que fornecem uma estrutura analítica para compreender as complexas dinâmicas relacionadas à LGBTQIAPN+fobia. As categorias incluem: “Ideologia de Gênero” que examina como as percepções e representações de gênero influenciam as experiências das pessoas; “Homossexualidade como Erro e *Bullying*” que se concentra nas narrativas de discriminação e abuso dirigidas a pessoas com diferentes orientações sexuais e identidades de gênero; “Preconceito por Conta da Orientação Sexual” que analisa as manifestações de preconceito e estigmatização direcionadas àquelas que não se enquadram nas normas heteronormativas; e “Policiamento dos Conteúdos e Docentes” que explora como as instituições de ensino militar regulamentam e influenciam as discussões sobre identidade de gênero e orientação sexual. Essas categorias forneceram um quadro analítico abrangente para a investigação das narrativas coletadas.

Para a análise utilizamos as obras fundamentais de pensadoras/es como Foucault (1996; 1997 e 2017), que nos convidam a refletir sobre as complexas relações de poder que permeiam nossa sociedade; as teorias de Butler (2002; 2004 e 2018) e hooks<sup>2</sup> (2013 e 2019) sobre gênero, que nos ajudam a compreender a natureza fluida e performativa das identidades de gênero e sexualidades,

<sup>2</sup> Neste artigo, optamos por escrever o nome da autora em letras minúsculas, conforme sua preferência. Para bell hooks, “o mais importante em meus livros é a substância e não quem sou eu”. Ela acredita que nomes e títulos são secundários em comparação ao valor das ideias que transmite.

contribuindo para uma análise mais sensível às questões de identidade e representação presentes nas narrativas em estudo, entre outras/os pensadoras/es.

O processo de análise dos dados obtidos a partir das narrativas obtidas com as reportagens foi conduzido com base na Análise Textual Discursiva (ATD), conforme proposta por Moraes e Galiazzi (2016). Essa abordagem metodológica permitiu-nos uma análise aprofundada das narrativas e discursos presentes nas reportagens, explorando as diferentes nuances e significados relacionados à LGBTQIAPN+fobia nas escolas militares/militarizadas.

A escolha da ATD deu-se em função de sua capacidade de desvelar não apenas o conteúdo explícito das narrativas, mas também as estruturas subjacentes de poder, significado e interpretação que permeiam as experiências compartilhadas pelas/os entrevistadas/os. Essa abordagem possibilitou uma compreensão mais abrangente e contextualizada das complexas dinâmicas envolvidas na LGBTQIAPN+fobia em ambientes militares de ensino.

## **Gêneros e sexualidades: uma odisseia pela heteronormatividade em escolas militares/militarizadas**

A vestimenta militar, os cortes de cabelo distintos para meninos e meninas, o rigor na disciplina de instrução, a execução precisa da ordem unida, o uso de insígnias e distintivos nas fardas, bem como a atribuição de nomes de guerra precedidos por postos/graduações, são mecanismos que tendem a anular as individualidades e promover a padronização dentro de escolas militares/militarizadas, conforme observa Nogueira (2014). Dessa forma, tais instituições de ensino assemelham-se a um sistema de produção que age como uma espécie de “tecnologia de gênero,” como proposto por Lauretis (1994), que molda, fabrica e impõe identidades de gênero em conformidade com o que é socialmente aceito como masculino e feminino dentro de uma visão heteronormativa.

A heteronormatividade, segundo Bento (2008, p. 40) é o:

Lugar que designa a base de inteligibilidade cultural através da qual se naturaliza corpos/gêneros/desejos e definirá o modelo hegemônico de inteligibilidade de gênero, no qual supõe que para o corpo ter coerência e sentido deve haver um sexo estável expresso mediante o gênero estável (masculino expressa homem, feminino expressa mulher).

A heteronormatividade é um conceito que descreve a suposição culturalmente enraizada de que a heterossexualidade é a única orientação sexual “normal” e “natural”. Ela implica a ideia de que as relações amorosas e sexuais entre pessoas do mesmo sexo são consideradas atípicas ou desviantes (Bento, 2008). A heteronormatividade permeia muitos aspectos da sociedade, desde expectativas de gênero até normas de relacionamento e pode resultar em preconceito, discriminação e exclusão para quem não se encaixa nessa moldura tradicional.

Na busca por manter esse *Status quo* heteronormativo como padrão, as instituições lançam mão de inúmeras ferramentas. Uma dessas ferramentas é a “tecnologia de gênero” que se refere a um conjunto de métodos, práticas e representações que modelam e regulam a experiência e a manifestação das identidades de gênero em uma cultura, operando como “um sistema de representação que constrói as diferenças de gênero” (Lauretis, 1994, p. 214). A tecnologia de gênero atua como um sistema normativo que estabelece padrões de comportamento, aparência e papéis sociais com base em concepções binárias e hierárquicas de gênero, o que reforça a divisão entre masculino e feminino.

De acordo com Lauretis (1994), é importante ressaltar que a tecnologia de gênero não é um fenômeno natural ou inerente, mas sim uma construção social complexa que é moldada pela história e pela cultura. A autora enfatiza que essa tecnologia é produzida e perpetuada por meio de práticas discursivas e culturais, bem como por instituições sociais, como a família, a escola, a religião e os meios de comunicação.

Dentro das escolas militares/militarizadas, onde a disciplina e a conformidade com as normas



tradicionais muitas vezes predominam, é importante considerar a presença dessas tecnologias de gênero e como elas atravessam e adestram os corpos discentes que estão inseridas/os nesse ambiente, moldando experiências e silenciando histórias.

Historicamente, nessas escolas houve uma tendência em direção à conformidade estrita com o que foi considerado o modelo superior e natural da heteronormatividade. Essa imposição, como destaca Miskolci (2009), não apenas restringe a diversidade das experiências humanas, mas também perpetua a ideia de que a heterossexualidade é a única orientação aceitável. No entanto, é fundamental reconhecer que essa abordagem não apenas ignora a riqueza das diversas identidades e orientações sexuais presentes nas fileiras das escolas militares/militarizadas, mas também cria um ambiente potencialmente hostil para quem não se encaixa nesse padrão.

Os pensamentos de hooks (2013; 2019), renomada autora, feminista e teórica da educação, desempenham um papel fundamental na discussão sobre como abordar as temáticas sobre gênero e sexualidade nas escolas. Sua visão crítica e interseccional aborda não apenas a sexualidade em si, mas também as complexas interações entre gênero, raça, classe e poder que enriquece nossa compreensão sobre o tema.

As obras de hooks (2013, 2019) são referenciadas na interseccionalidade, uma perspectiva que reconhece que as identidades sociais como gênero, raça e classe estão intrinsecamente entrelaçadas. Quando se trata de estudar as sexualidades nas escolas, hooks (2013) nos lembra que não podemos separar essa questão das estruturas de poder mais amplas que forjam as experiências das pessoas. Ela argumenta que uma educação sexual eficaz deve levar em consideração as experiências únicas e interconectadas das pessoas em relação a todas as dimensões da identidade.

Ela nos encoraja a perceber a sexualidade como um produto da construção social, suscetível a influências culturais e históricas. Essa perspectiva tem implicações significativas para a educação, uma vez que nos recorda que a compreensão da sexualidade é fortemente estruturada por narrativas e normas sociais que podem ser examinadas e redefinidas. Tais ideias estão em sintonia com as de Butler (2002; 2004; 2018) que argumenta que o gênero não é inato, mas sim uma construção social que se manifesta por meio de atos repetidos e rituais que fortalecem as convenções e normas de gênero.

Em outras palavras, o gênero não é uma identidade fixa, mas sim uma performance que se desenrola ao longo do tempo. Essa teoria tem implicações significativas para as experiências das pessoas LGBTQIAPN+ em ambientes militares, onde as normas tradicionais de masculinidade e feminilidade muitas vezes prevalecem.

Tais teorias (hooks, 2013); (Butler, 2002; 2004; 2018), também nos oferecem uma maneira de entender como a resistência a essas normas pode ser uma forma poderosa de afirmação da identidade e da autonomia pessoal. Pessoas LGBTQIAPN+ em ambientes militares muitas vezes enfrentam o dilema de como equilibrar a autenticidade de sua identidade de gênero ou orientação sexual com a necessidade de conformidade institucional. Nesse sentido, a performance de gênero torna-se um ato de resistência, desafiando as normas de gênero estabelecidas e abrindo caminho para a aceitação e a inclusão.

Além disso, Butler (2018) também destaca a importância da educação e da conscientização. Em ambientes educacionais militares, programas de treinamento e educação que promovam a compreensão das questões de gênero e sexualidade podem ajudar a reduzir a discriminação e criar um ambiente mais inclusivo. Isso pode incluir a educação sobre a diversidade de identidades de gênero e orientações sexuais, bem como o combate a estereótipos prejudiciais.

Nos ambientes militares, a conformidade com as normas de gênero tradicionais é frequentemente valorizada e recompensada. Isso pode criar um ambiente hostil para quem não se encaixa nessas normas heteronormativas, levando a retaliações e discriminação. Quem desafia as normas representa ameaça à coesão do grupo ou à hierarquia militar.

Assim sendo, os PCNs “foram elaborados procurando, de um lado, respeitar diversidades regionais, culturais, políticas existentes no país e, de outro, considerar a necessidade de construir referências nacionais comuns ao processo educativo em todas as regiões brasileiras” (Brasil, 1998, p. 5). O Tema Transversal Orientação Sexual (Corpo: Matriz da sexualidade, relações de gênero, prevenções das doenças sexualmente transmissíveis) é uma questão de grande importância e relevância no contexto educacional. Sua implementação nas escolas foi um passo significativo para

promover a educação sexual de forma abrangente e inclusiva (Suplicy, 2005).

Importa ressaltar que a implementação bem-sucedida da educação sexual nas escolas não trata apenas de cumprir uma obrigação legal, mas sim de fornecer recursos e treinamento adequados para docentes, de modo que possam abordar esse tema com sensibilidade e conhecimento, visando combater mitos e estigmas em torno da sexualidade, o que promove uma compreensão mais ampla e respeitosa das diversas orientações sexuais e identidades de gênero. Isso é fundamental para criar um ambiente escolar inclusivo e livre de discriminação, onde todas as pessoas se sintam respeitadas e aceitas, independentemente de sua orientação sexual ou identidade de gênero.

Os currículos devem ser desenvolvidos considerando a faixa etária estudantil, abordando os temas de forma escalonada e levando em conta as distintas realidades presentes nas comunidades escolares. Isso pode incluir a colaboração com organizações e especialistas em saúde sexual e educação de gênero.

## **Rompendo silenciamentos: LGBTQIAPN+fobia nas trincheiras de escolas militares/militarizadas**

Nesta seção, apresentamos as notícias relacionadas à LGBTQIAPN+fobia em escolas militares/militarizadas no período de 2016 a 2023. Essas informações estão expostas de maneira organizada no Quadro – 1, facilitando a compreensão visual das tendências, mudanças e desafios enfrentados pelas comunidades LGBTQIAPN+ em ambientes militares de ensino.

**Quadro 1.** Notícias sobre LGBTQIAPN+fobia de 2016 a 2023

2016			
Título da notícia	Data	código	LINK
Os iguais também se atraem'; pinturas geram polêmica em escola militar	20/10/2016	N1	<a href="https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2016/10/os-iguais-tambem-se-atraem-pinturas-geram-polemica-em-escola-militar.html">https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2016/10/os-iguais-tambem-se-atraem-pinturas-geram-polemica-em-escola-militar.html</a>
Após página no Facebook viralizar, estudantes denunciam abusos e homofobia	30/12/2016	N2	<a href="https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2016/12/30/interna-brasil,563090/apos-pagina-no-facebook-viralizar-estudantes-denunciam-abusos-e-homof.shtml">https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2016/12/30/interna-brasil,563090/apos-pagina-no-facebook-viralizar-estudantes-denunciam-abusos-e-homof.shtml</a>
2018			
Colégio Militar pula página de livro com foto de gays para não falar sobre homossexualidade	24.08.2018	N3	<a href="https://observatoriogbol.uol.com.br/noticias/colégio-militar-pula-pagina-de-livro-com-foto-de-gays-para-nao-falar-sobre-homossexualidade#">https://observatoriogbol.uol.com.br/noticias/colégio-militar-pula-pagina-de-livro-com-foto-de-gays-para-nao-falar-sobre-homossexualidade#</a>
2020			
Professores relatam censura em colégios militares	22.10.2020	N4	<a href="https://www.cartacapital.com.br/educacao/professores-relatam-censura-em-colegios-militares/">https://www.cartacapital.com.br/educacao/professores-relatam-censura-em-colegios-militares/</a>

2022			
Ex-alunos abrem o peito e contam como colégios militares goianos lidam com a homossexualidade	26.07.2022	N5	<a href="https://portal6.com.br/2022/07/26/ex-alunos-abrem-o-peito-e-contam-como-colegios-militares-goianos-lidam-com-a-homossexualidade/">https://portal6.com.br/2022/07/26/ex-alunos-abrem-o-peito-e-contam-como-colegios-militares-goianos-lidam-com-a-homossexualidade/</a>
2023			
Escolas cívico-militares são marcadas por casos de abuso de autoridade	19.07.2023	N6	<a href="https://www.brasildefatopr.com.br/2023/07/19/escolas-civico-militares-sao-marcadas-por-casos-de-abuso-de-autoridade">https://www.brasildefatopr.com.br/2023/07/19/escolas-civico-militares-sao-marcadas-por-casos-de-abuso-de-autoridade</a>

**Fonte:** Elaborado pelas/os Autoras/es (2023).

Na reportagem N1, ocorreu uma polêmica no Colégio Tiradentes localizado em Juiz de Fora/MG. Durante uma aula de Artes, estudantes decidiram abordar o tema da homossexualidade por meio de pinturas e desenhos. Eles criaram intervenções artísticas com mensagens anti-homofobia, como uma árvore pintada com as cores do arco-íris e um cartaz que dizia “Ser gay é tão natural quanto essa árvore”, além de desenhos de bonecos de mãos dadas com a mensagem “Os iguais também se atraem”. Esses trabalhos foram expostos no estacionamento da escola como parte da atividade. Entretanto, após a realização das intervenções, a direção militar da escola emitiu a determinação de remover todos os trabalhos antes do término do dia letivo. De acordo com uma das estudantes, a justificativa da direção foi a possibilidade de que os trabalhos fossem mal interpretados pelos pais, que poderiam supor que a escola estava buscando influenciar a orientação sexual de suas/seus filhas/os.

Em N2, a reportagem aborda denúncias de abusos e LGBTQIAPN+fobia feitas por ex-estudantes de escolas militares no Brasil, após uma página no Facebook que viralizou com relatos sobre tais instituições. As narrativas apontam situações de LGBTQIAPN+fobia, assédio e docentes insultando discentes dentro das salas de aula. Diversos relatos são apresentados, incluindo experiências de violência emocional, retaliações e discriminação por conta de orientação sexual. Alguns ex-estudantes mencionam o ambiente autoritário nas instituições militares que muitas vezes impede que denunciem tais abusos.

Na N3, um Colégio Militar de Campo Grande/MS foi acusado de tentar vetar um livro de espanhol distribuído pelo Ministério da Educação às escolas devido a uma página que continha uma foto de um casal *gay*. Diante da impossibilidade de não utilizar o livro, a direção da escola optou por pular a página com a foto homoafetiva para evitar discutir sobre homossexualidade. A denúncia foi feita por estudantes da escola e a situação ganhou destaque. Após a repercussão, os militares teriam revertido sua decisão e concordado em continuar utilizando o livro apenas durante o ano em questão. O diretor do colégio negou que tenha havido uma tentativa de recolher os livros, mas admitiu que o tema da homossexualidade é evitado durante as aulas e afirma que a proposta pedagógica da instituição exclui temas relacionados a gênero e orientação sexual que sejam contrários à heterossexualidade.

Na reportagem N4, são apresentados relatos do corpo docente de uma escola militar do estado de Porto Alegre. Educadores desta escola afirmaram ter recebido orientações para evitar a discussão de assuntos como homofobia, racismo e gênero dentro do ambiente educacional. No mês de fevereiro de 2019, um momento marcante ocorreu em um Colégio Militar de Porto Alegre, quando o então Coronel comandante da escola militar convocou cerca de 200 funcionários para uma reunião solene no auditório da instituição. Durante esse encontro, uma decisão de notável impacto foi anunciada: a partir daquele instante, determinados tópicos passaram a ser considerados inapropriados para abordagem em sala de aula. De maneira específica, o oficial militar mencionou as palavras “homofobia” e “racismo” como exemplos claros desses temas proibidos.

Na reportagem N5, ex-discentes LGBTQIAPN+ compartilham suas experiências em colégios

militares de Goiás, o que revela um ambiente hostil e repressor em relação à diversidade sexual. Tais colégios, conhecidos por sua disciplina e estrutura, são descritos como locais de “insegurança” e “desconforto” para estudantes que não se encaixam na norma heteronormativa. Foram relatadas repressão, brincadeiras desrespeitosas por parte de docentes, indiferença diante de atos de homofobia, casos de agressões homofóbicas, inclusive por parte de docentes, militares e auxiliares que frequentemente se manifestavam em forma de “brincadeiras”. Alguns estudantes eram forçados a se assumir publicamente por terem sido vistos se relacionando com alguém fora da escola. A reportagem também destaca a indiferença das instituições diante de casos de discriminação, ao mencionar situações em que estudantes vítimas de *bullying* foram simplesmente transferidos de sala, em vez da escola lidar com os agressores. A Secretaria de Estado da Educação informou ao Portal 6 que toda vez que tais situações de discriminação ou *bullying* acontecem nas escolas militares/militarizadas, o Comando de Ensino da Polícia Militar é acionado e tem autonomia para lidar com tais situações, mas alguns entrevistados argumentam que a disciplina imposta nos colégios muitas vezes é baseada no medo e não promove um ambiente acolhedor para todos.

Na reportagem N6 são abordadas questões relacionadas ao programa de escolas cívico-militares no estado do Paraná. Enquanto o governo estadual expressa otimismo em relação ao programa e planeja expandi-lo, a realidade nas escolas é marcada por relatos de abuso de autoridade. A reportagem menciona que, apesar da expansão do programa de escolas cívico-militares no Paraná, diversos casos de abuso de autoridade têm surgido, envolvendo estudantes, pais e até mesmo policiais militares aposentados que ocupam cargos nas escolas. Também são mencionados casos mais graves, incluindo relatos de agressões físicas e verbais, como o de policiais militares aposentados que foram denunciados por ameaça e violência contra adolescentes em uma escola cívico-militar.

### **Gritos de socorro: narrativas de ex-estudantes e a LGBTQIAPN+fobia em escolas militares/militarizadas**

Nesta seção, apresentamos as narrativas profundas e impactantes de ex-estudantes que vivenciaram/presenciaram a LGBTQIAPN+fobia em escolas militares/militarizadas. Suas experiências e perspectivas fornecem uma visão valiosa sobre os desafios enfrentados e as dinâmicas que moldam esse contexto educacional. Ao compartilhar suas vozes, buscamos dar visibilidade a tais narrativas e contribuir para um entendimento mais amplo das questões relacionadas à discriminação e preconceito, com base na orientação sexual e identidade de gênero dentro das instituições militares de ensino. As narrativas são um testemunho da resiliência e da necessidade de mudanças significativas para promover ambientes escolares inclusivos e acolhedores.

No Quadro a seguir, “Quadro – 2 Narrativas de discentes”, utilizamos códigos que irão referenciar a notícia em questão e a fala das pessoas. Assim, “N” significa a notícia referente ao “Quadro - 1 Notícias sobre LGBTQIAPN+fobia de 2016 a 2023” da quarta seção e “P” significa as narrativas das pessoas, narrativas essas que foram retiradas da notícia. As narrativas no Quadro 2 estão dispostas em três categorias de análise para melhor compreensão:



**Quadro 2.** Narrativas de discentes

Código	Narrativa	Categorias de análise
N1P1	<p><i>“Dois horários depois a professora de artes foi até a minha turma e nos disse que o trabalho do meu grupo iria ser retirado, pois a administração fez uma ‘suposição’ de que se um pai olhasse para a nossa arte, ele poderia achar que estamos tentando <b>doutrinar a opção sexual</b> do filho dele. Assim, o pai poderia tirar uma foto da árvore e mandar pra BH, manchando o nome do colégio [...]. No final, todas as obras foram retiradas antes mesmo dos alunos se manifestarem”.</i></p> <p><i>“A professora não estava fazendo nada de errado e nem nós fizemos, o que não justifica o que aconteceu. Hoje os alunos do Tiradentes foram seriamente desrespeitados, mas acima deles, os alunos da comunidade LGBT que viram o colégio em que eles estudam tirando um apoio que foi dado a eles, com medo de ‘queimar o filme”</i>”</p>	IDEOLOGIA DE GÊNERO
N2P1	<p><i>[...]um monitor do meu ano ficou sabendo do meu relacionamento com uma das garotas da minha série e a chamou para uma conversa privada, na qual ele a aconselhou; a frequentar igrejas, <b>afirmou que nosso relacionamento era algo errado e disse sentia obrigação em avisar os alunos de seus erros</b>, quando a encontrei, parei ao seu lado quando ele disse para nós da tristeza que sentia ao saber que íamos para um lugar diferente do dele após a morte. Pensamos em ir a seção psicopedagógica, porém, graças ao histórico dos psicólogos de não manter sigilo às situações retratadas lá e ao fato de meu parentes não estarem todos cientes de minha <b>sexualidade</b>, não tivemos a quem recorrer”</i></p>	HOMOSSEXUALIDADE COMO ERRO E BULLYING
N5P1	<p><i>“Quando me assumi tanto nas redes sociais, quanto no modo de andar e falar, sofri retaliações de colegas. (...) ao ver que eu era gay, o monitor disse que eu não devia fazer nada, pois as piadinhas eram para me fazer enxergar que eu estava <b>errado</b>, e que esse tipo de bullying era saudável. Disse ainda que um dia eu iria agradecer aos meus colegas, quando voltasse a ser o que era para ser. Cheguei em casa chorando muito, mas não tive coragem de contar para os meus pais sobre o caso desse monitor. (...)”</i></p>	

N5P2	<i>“Eu precisava ignorar ; ou ao menos tentar ; para não ser taxado de <b>homossexual</b>, basicamente era o sepultamento por formalizar toda sorte de brincadeiras e comentários negativos pelas costas ou ainda pela frente (...)”</i>	PRECONCEITO POR CONTA DA ORIENTAÇÃO SEXUAL
N5P3	<i>“Ao mesmo tempo em que me entendia como homem <b>gay</b>, comecei a me policiar o tempo todo para não sofrer com brincadeiras ou ser repreendido pelo meu modo de sentar, de falar, de ser. Em casa o pensamento sempre foi aberto, então foi um choque” “Teve professor que me chamou pejorativamente no feminino e outro que fez piadinha porque os meus óculos eram diferentes, mais ‘estilosos’. Me sentia um alvo, foi doloroso”</i>	
N5P4	<i>“A maior parte delas vinham em ‘brincadeiras’. Naquela época nenhum aluno era assumidamente <b>gay</b>, então ser uma pessoa que se portava diferente do considerado comum pelo colégio te colocava nesse lugar de piada”</i>	
N5P5	<i>“Eu tive uma amiga que, antes de ser transferida para a minha sala, sofria com muito bullying por ser <b>lésbica</b> em outra turma. Em vez de conversar com os agressores, o jeito deles é mudar a pessoa de sala, como se ela fosse o problema”</i>	

**Fonte:** Elaborado pelas/os Autoras/es (2023).

As narrativas apresentadas nos relatos do Quadro 2 revelam a dolorosa realidade enfrentada por pessoas LGBTQIAPN+ em ambientes escolares e sociais, onde a discriminação, o preconceito e o *bullying* se tornam uma parte traumática de suas vidas. Esses depoimentos são extremamente impactantes e apontam para as profundas barreiras que muitos enfrentam ao tentar se expressar e viver autenticamente nesses ambientes.

A indiferença dos dirigentes e professores, a falta de preparo para se tratarem algumas situações pontuadas como irrelevantes e a falta de apoio ao jovem, o qual se senti perdido em meio a outros jovens, fazem com que o desânimo e o medo se instalem nesses indivíduos. [...] a discriminação por ser homossexual leva o jovem a se culpar, sua autoestima desaparece. O pavor da violência verbal e física o deixa completamente inoperante dentro do sistema (Almeida; Rios; Parker, 2004, p. 23).

A situação descrita na narrativa N1P1 ilustra claramente um caso de discriminação e preconceito contra a comunidade LGBTQIAPN+ e envolve a polêmica questão da “ideologia de gênero<sup>3</sup>”. A administração da escola, ao presumir que uma representação artística do arco-íris poderia ser interpretada como uma tentativa de “doutrinação” da orientação sexual das/os estudantes, agiu de forma discriminatória e preconceituosa. Essa interpretação reflete uma compreensão equivocada da expressão artística como uma ameaça, em vez de reconhecer a importância da diversidade e inclusão no ambiente escolar. Goffman (1975) descreve o estigma como um atributo que desqualifica uma pessoa em uma interação social. A reação da administração da escola pode ser vista como uma forma de estigmatização, na medida em que presumiu que a representação do

3 O termo “ideologia de gênero” tem sido frequentemente utilizado em debates sociais e políticos para descrever a percepção de que as discussões sobre identidade de gênero e orientação sexual são fundamentadas em uma suposta ideologia que desafia as normas tradicionais de gênero e sexualidade. No entanto, é importante observar que muitos especialistas em gênero argumentam que essa expressão é imprecisa e tendenciosa (Garraio e Toldy, 2020).

arco-íris poderia ser prejudicial à reputação da instituição.

Além disso, Meyer (2003) argumenta que as minorias sexuais enfrentam um estresse crônico devido à discriminação e ao preconceito. Nesse caso, a administração da escola impôs um estresse adicional aos alunos LGBTQIAPN+ ao retirar o apoio dado, com base em suposições infundadas.

As experiências narradas (N2P1 e N5P1) ressaltam como a orientação sexual pode se tornar alvo de zombarias, piadas ofensivas, discriminação e tabu cruel em ambientes educacionais onde corriqueiramente se vê que “a recorrência à linguagem pejorativa é comum nas violências contra homossexuais” (Castro; Abramovay; Silva, 2004, p. 286). A afirmação da sexualidade pessoal, seja nas redes sociais, na forma de se expressar ou na maneira de andar, muitas vezes desencadeia retaliações por parte das/os colegas e até mesmo de docentes e monitores. Essas retaliações manifestam-se de formas diversas que vão desde comentários pejorativos até gestos mais sutis, como um olhar de desaprovação ou uma expressão facial de desagrado, uma vez que o corpo comunica e revela sinais de aprovação ou de reprovação.

Intenções às vezes claramente percebidas expõem agressões físicas e verbais. Outras vezes são sutis e silenciosas onde a tática é não dizer, não agredir, deixar o recado nas entrelinhas: olhares, gestos, mudanças bruscas no tom de voz e nas expressões faciais. O não dito expele micropartículas de intolerância. Os olhares sorrateiros e de reprimenda fortalecem a “certeza” de que “o outro é o problema” (Silva, 2022, p. 15).

Butler (2018) argumenta que a expressão do gênero e sexualidade pessoal muitas vezes desafia as normas sociais e de gênero estabelecidas, levando a reações negativas por parte da sociedade. Suas teorias sobre a performatividade de gênero e como as normas sociais influenciam a expressão pessoal podem ser relevantes para explicar as retaliações e a discriminação enfrentadas por indivíduos LGBTQIAPN+ em ambientes educacionais militares.

A ideia de que o *bullying* é “saudável” (N5P1) é particularmente alarmante, uma vez que vai na contramão de toda discussão sobre diversidade no ambiente, pois a escola é um dos pilares da formação social, um ambiente seguro ou que pelo menos deveria ser. Esse tipo de afirmação é um exemplo claro de como a violência psicológica é normalizada e justificada por meio de um discurso prejudicial. A noção de que alguém “voltará ao que era para ser” é profundamente discriminatória e implica que pessoas LGBTQIAPN+ são uma desordem e precisam ser corrigidas.

A frase “voltará ao que era para ser” (N5P1) sugere a ideia de que há uma norma ou um estado ideal para o qual as coisas devem retornar. No contexto da homossexualidade, essa frase surge como uma sugestão de que a orientação sexual homossexual é um desvio ou “erro biológico” que precisa ser corrigido.

A ideia de que a homossexualidade é um erro biológico é amplamente desacreditada pela comunidade científica. A orientação sexual é uma parte natural da diversidade humana e não é algo que possa ser considerado como uma anomalia, patologia ou um erro genético (Isay, 1998).

Os relatos também revelam como muitas pessoas LGBTQIAPN+ se sentem compelidas a se policiar constantemente para evitar a discriminação. A autovigilância é uma resposta à pressão social por conformidade heteronormativa. Como Foucault (1997) sugere, a sociedade muitas vezes impõe normas estritas de comportamento, forçando aqueles que se desviam dessas normas a se conformarem ou enfrentarem a exclusão e a discriminação. Esse processo de vigilância constante e a autocensura podem ser vistos como mecanismos de controle social em que a liberdade individual é restringida em prol de uma conformidade aceitável.

O autor argumenta que a sociedade contemporânea opera em grande parte por meio da vigilância e da normalização das condutas individuais. Em sua obra “Vigiar e Punir”, ele tensiona como instituições de poder, como prisões, igrejas, escolas e outras, moldam e controlam o comportamento das pessoas.

Observamos nessas narrativas que as pessoas internalizam uma necessidade de se esconder, de ajustar sua forma de ser e de se proteger contra os ataques verbais e emocionais constantes, indo em consonância com as teorias Foucaultianas. Isso não apenas afeta a autoestima e a saúde mental, mas também restringe a liberdade de ser quem são.

Os exemplos de docentes que fazem piadas ofensivas e utilizam termos pejorativos demonstram a necessidade urgente de sensibilização e treinamento para educadoras/es. Para

hooks (2013), a docência desempenha um papel crucial na educação das sexualidades. Ela destaca a necessidade de haver docentes comprometidos em criar um ambiente de sala de aula seguro, aberto ao diálogo e à reflexão crítica. Esses profissionais precisam estar dispostos a ouvir as experiências dos estudantes e a promover uma educação que valorize a diversidade de perspectivas. Um ambiente escolar seguro e inclusivo é crucial para o desenvolvimento saudável, independentemente de sua orientação sexual ou identidade de gênero.

As tentativas de resolver o problema mudando vítimas de sala (N5P5) ou ignorando as situações de *bullying* sublinham a falta de abordagem eficaz para lidar com a discriminação. Isso perpetua a ideia de que as vítimas são as responsáveis pelo *bullying* que sofrem, ao invés de responsabilizar os agressores e implementar medidas educativas para prevenir tais comportamentos (Olweus, 1993;1994).

As atitudes de discentes, docentes e equipe gestora das escolas militares/militarizadas em N1P1, N2P1, N5P1, N5P3 e N5P5 reforçam o pensamento da Louro (2000, p. 42).

A escola juntamente com a família, organiza-se de forma a garantir a formação de indivíduos heterossexuais. A escola lida com “verdades” que são discutíveis e contraditórias: em primeiro lugar, a ideia de que a heterossexualidade é a única forma normal e natural de sexualidade; a seguir, a preocupação em controlar os indivíduos para que dela não se desviem.

Podemos perceber que diversas instituições sociais como a igreja, a medicina, a escola juntamente à família, historicamente desempenharam um papel significativo na formação de indivíduos dentro dos padrões heterossexuais (Silva, 2022). No entanto, é crucial reconhecer que as instituições de ensino enfrentam um desafio complexo ao lidar com crenças que são, muitas vezes, controversas e contraditórias. Em primeiro lugar, a suposição de que a heterossexualidade é a única forma “normal” e “natural” de sexualidade é uma concepção que merece ser examinada criticamente. A preocupação em controlar a sexualidade das pessoas para que não se desviem dessa norma suscita questões importantes sobre a liberdade individual e a diversidade de orientações sexuais que devem ser respeitadas e valorizadas em um ambiente inclusivo de aprendizado.

As narrativas destacam a necessidade de uma educação mais inclusiva e de conscientização para combater o preconceito e a discriminação nas escolas. Promover um ambiente de aceitação e respeito é crucial para permitir que discentes possam aprender e se desenvolver livremente, independentemente de sua identidade de gênero e/ou orientação sexual.

## **Retirando as mordças: narrativas de docentes**

Nesta seção, evidenciamos as narrativas de docentes que trabalharam em escolas militares/militarizadas, examinando as limitações e proibições relacionadas a conteúdos e tópicos abordados em suas aulas. Isso nos permitiu entender como as políticas educacionais e as estruturas institucionais podem influenciar o ambiente de ensino e a liberdade de expressão do corpo docente.

No quadro a seguir, “Quadro – 3 Narrativas docentes”, utilizamos códigos específicos para fazer referência à notícia em análise e às declarações das pessoas. Aqui, “N” representa a notícia mencionada no “Quadro - 1 Notícias sobre LGBTQIAPN+fobia de 2016 a 2023” da quarta seção, enquanto “P” identifica as narrativas das pessoas.

**Quadro 3.** Narrativas docentes

Código	Narrativa	Categoria Central
N4P1	<i>“Ele procurou minimizar a interferência dele e disse que era uma <b>ordem superior</b>, da Depa [Diretoria de Educação Preparatória e Assistencial, departamento do Exército]. Mas, em tom ameaçador, disse que se alguém tentasse contrariar essas normas poderia sofrer consequências”</i>	POLICIAMENTO DOS CONTEÚDOS E DOCENTES
N4P2	<i>“O <b>comando</b> disse que poderia dar a impressão de que estamos ensinando os alunos a namorarem. E a escola era contra o namoro na adolescência.”</i>	
N4P3	<i>“Você não pode falar em ‘golpe de 1964’, mas em ‘revolução de 1964’. Não se pode falar em tortura e coisas assim. E por conta disso eu, que já cheguei no colégio marcado como ‘sindicalista’, nunca peguei os anos em que se trabalham esses conteúdos. Jamais vão me colocar numa posição de dar uma aula dessas. Sempre, nos colégios militares, houve pressões sobre os conteúdos e as formas de trabalhar. Isso é uma constante. eles tem sempre um <b>controle</b> muito grande do nosso trabalho.”</i>	
N4P4	<i>“As coisas se tornaram mais abertas, como, por exemplo, fazer uma reunião com todos os profissionais de ensino para falar uma coisa que sempre se praticou de forma velada. Isso me pareceu uma posição de <b>ataque</b> mais explícito. Antigamente, a perseguição era mais individual. Mas chegamos a esse nível em que há abertura para dizer em um salão: ‘Agora é assim’”</i>	

**Fonte:** Elaborado pelas/os Autoras/es (2023).

Em N4P2 o professor se recorda de uma questão de biologia em que contextualizou processos hormonais do corpo humano. Ele usou como exemplos o estímulo ao sistema nervoso que faz o coração bater mais rápido quando se vê uma pessoa atraente e o aumento de hormônios durante a gravidez, ao contar a história de um casal desde que se conheceu até quando teve um filho. A prova, entregue para aprovação do colégio com antecedência de aproximadamente um mês, foi vetada.

O policiamento de escolas militares/militarizadas em relação aos conteúdos ministrados, com restrições à abordagem de certos temas, levanta questões significativas sobre a liberdade acadêmica e a diversidade de perspectivas no ambiente educacional. A liberdade acadêmica é um princípio fundamental do ensino superior, que se estende também às escolas de ensino médio/fundamental. Docentes precisam ter autonomia de decidir como ensinar e quais tópicos abordar, desde que estejam alinhados com os objetivos educacionais e padrões curriculares nacionais. O policiamento excessivo pode minar essa liberdade, inibindo a criatividade e a capacidade das/dos docentes de promover um ambiente de aprendizado estimulante.

Foucault (1997; 2017) em suas obras influentes, como “Vigiar e Punir” e “Microfísica do Poder”, proporciona uma referência para compreender como o poder se manifesta de maneiras sutis e complexas em nossa sociedade. Essa abordagem pode ser correlacionada às ações das escolas militares/militarizadas que buscam policiar tanto docentes quanto os conteúdos ministrados em suas salas de aula.

Foucault (1997; 2017) argumentou que o poder não é uma entidade estática, mas sim uma rede de relações complexas que permeia todas as esferas da sociedade. Nas escolas militares/militarizadas, observamos a presença de um sistema hierárquico de autoridade e disciplina, característico desse tipo de instituição. Esse sistema exerce controle docente, ao estabelecer diretrizes rígidas para o que pode ou não ser ensinado, refletindo conceitos Foucaultianos.

Restringir certos temas pode limitar a diversidade de perspectivas e a exposição de estudantes a diferentes pontos de vista. A educação precisa ser um espaço em que docentes tenham contato com uma ampla gama de ideias e conceitos, permitindo que desenvolvam habilidades



críticas e aprendam a pensar de forma independente. A educação não trata apenas de transmitir informações, mas também de preparar estudantes para o mundo real. Isso inclui a compreensão de questões complexas relacionadas a temas sensíveis. Restringir essas discussões pode retirar-lhes a possibilidade de lidar com questões da vida real e diversidade de pensamento.

As obras de Foucault (1997; 2017) também nos conduzem à reflexão sobre a ideia de “dispositivos de poder”. No contexto das escolas militares/militarizadas, os regulamentos, protocolos e códigos de conduta podem ser vistos como dispositivos de poder que restringem a autonomia de docentes e estabelecem limites rígidos para o conteúdo das aulas.

Foucault (1996) destaca a importância do conhecimento como uma forma de poder. Ele aborda como o controle sobre o discurso e o conhecimento pode ser uma estratégia de poder. Nas escolas militares/militarizadas, a ênfase em determinados conteúdos e a restrição de outros podem ser entendidas como estratégias para controlar o acesso ao conhecimento e manter o controle social que tem como base a heteronormatividade.

É necessário encontrar um equilíbrio entre a autonomia docente e a necessidade de manter um ambiente escolar seguro e respeitoso. Políticas e diretrizes claras podem ajudar a alcançar esse equilíbrio ao permitir que docentes abordem temas tabus com sensibilidade e responsabilidade.

## **Vozes dissonantes: a propositura de enfretamento à LGBTQIAPN+fobia**

As narrativas enfatizam a realidade perturbadora que muitas pessoas LGBTQIAPN+ enfrentam todos os dias. A LGBTQIAPN+fobia não se limita a ações extremas, como agressões físicas ou ódio declarado. Ela pode se manifestar de maneiras mais sutis, mas igualmente prejudiciais, por meio da linguagem e das interações cotidianas.

A discriminação internalizada, frequentemente enraizada em estereótipos prejudiciais e normas de gênero rígidas, pode ser perpetuada por comentários aparentemente inofensivos ou piadas aparentemente leves, pois por meio delas “Há um heteroterrorismo a cada enunciado que incentiva ou inibe comportamentos, a cada insulto ou piada homofóbica” (Bento, 2008, p. 32). Essas palavras e atitudes têm o poder de ferir e marginalizar pessoas LGBTQIAPN+.

A necessidade de reconhecer o impacto do heteroterrorismo linguístico é vital. Palavras têm o poder de mudar percepções, influenciar comportamentos e criar um ambiente que pode ser hostil para as pessoas que não se encaixam nas normas heteronormativas de orientação sexual e identidade de gênero. Muitas vezes, as/os que perpetuam tais comentários podem não estar plenamente conscientes do dano que estão causando, o que torna ainda mais importante educar e conscientizar sobre a importância do respeito e da empatia.

As análises das narrativas compartilhadas revelam a profundidade do impacto emocional e psicológico que essas experiências têm sobre as pessoas (Meyer, 2003). Estudantes relataram sentimentos de isolamento, ansiedade e baixa autoestima, consequências diretas da hostilidade que enfrentaram diariamente nesses ambientes escolares. Isso não só afeta seu desempenho acadêmico, mas também a forma como se percebem como membros da sociedade. Portanto, é evidente que a homofobia não é apenas um problema interno das escolas militares/militarizadas, mas também tem repercussões mais amplas na vida dessas pessoas, influenciando seu desenvolvimento pessoal e social.

O entendimento das experiências de saúde mental das pessoas LGBTQIAPN+ é complexo e multifacetado. De acordo com as perspectivas apresentadas por Meyer (2003), as implicações para a sua saúde mental vão além dos níveis de estresse minoritário (EM) que enfrentam. Em vez disso, uma série de fatores individuais e sociais desempenham um papel crucial na determinação desses desfechos.

O estresse minoritário, como definido por Meyer (2003), refere-se ao estresse crônico resultante da discriminação, preconceito e estigmatização enfrentados pelas pessoas LGBTQIAPN+ devido a sua orientação sexual ou identidade de gênero. No entanto, o que Meyer (2003) destaca é que a maneira como esse estresse afeta a saúde mental pode ser mediada ou modificada por fatores contextuais e individuais.

Tais fatores podem incluir o apoio social disponível para o indivíduo, o grau de aceitação e suporte da família e da comunidade, bem como a identificação com grupos LGBTQIAPN+ e o acesso

a serviços de saúde mental sensíveis às questões de orientação sexual e identidade de gênero. Além disso, a resiliência pessoal desempenha um papel fundamental, já que algumas pessoas LGBTQIAPN+ conseguem superar adversidades com mais facilidade do que outras.

A descoberta crucial do estudo é a existência de obstáculos institucionais que impedem a discussão aberta de questões relacionadas à LGBTQIAPN+fobia dentro do ambiente escolar militar. Docentes relataram que se sentem acorrentados por restrições impostas pela administração militar, o que limita sua capacidade de abordar esses tópicos de maneira educativa e esclarecedora. Isso não só prejudica o papel formativo da educação, mas também perpetua a cultura de silenciamento e tabu em relação a questões importantes de diversidade e inclusão. De acordo com Mendonça Junior (2011), nas diferentes culturas surgem instituições que desempenham papéis essenciais na formação de comportamentos, ideologias e leis de convivência. Essas instituições moldam as interações humanas, seja por meio da comunicação verbal, oral, corporal ou escrita, bem como por meio de gestos e discursos que refletem aceitação e/ou repressão. Esses fragmentos de comunicação revelam os limites da aparente liberdade que a educação concede tanto ao docente quanto ao discente.

As instituições militares/militarizadas de ensino podem promover valores de diversidade e inclusão contemporâneos e, ao mesmo tempo, lidar com os casos de LGBTQIAPN+fobia de forma eficaz, efetuando mudanças transformadoras e implementando uma série de medidas abrangentes. Primeiro, a criação de políticas institucionais claras de não discriminação e anti-LGBTQIAPN+fobia é essencial para estabelecer uma base de respeito mútuo e igualdade. Isso deve ser apoiado por programas de sensibilização destinados a educar todos os membros da comunidade escolar sobre os danos da LGBTQIAPN+fobia e a importância da diversidade. Tais programas não apenas desafiarão os estereótipos prejudiciais, mas também incentivarão a empatia e o entendimento por parte de todo o ambiente escolar.

É imperativo que a administração dessas escolas reavalie suas políticas de restrição sobre assuntos relacionados à sexualidade e gênero em sala de aula. A educação é um espaço de reflexão crítica e aprendizado. Impor limites indevidos à discussão de tais questões relevantes limitam o desenvolvimento intelectual de discentes. Ao permitir que docentes abordem tais assuntos com sensibilidade e embasamento teórico, as escolas podem fomentar um ambiente de aprendizado mais integral e adequado ao mundo contemporâneo.

Por fim, as escolas militares/militarizadas têm a oportunidade de liderar pelo exemplo. Ao adotar uma abordagem proativa e inclusiva em relação à LGBTQIAPN+fobia, elas não apenas garantirão um ambiente seguro para estudantes, independentemente de sua orientação sexual e/ou identidade de gênero, mas também ajudarão a construir uma sociedade mais tolerante e diversificada. Ao formar toda a equipe administrativa e pedagógica dessas escolas podemos orientar estudantes para combater preconceitos e promover a valorização da diversidade. Dessa forma, tais instituições têm o potencial de desempenhar um papel crucial na construção de um futuro mais igualitário.

## Referências

ALMEIDA, Vagner de; RIOS, Luís Felipe; PARKER, Richard. **Ritos e ditos de jovens gays**. Rio de Janeiro: Abia, 2004.

BENTO, Berenice. **O que é transexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

BORRILLO, Daniel. **Homofobia: história e crítica de um preconceito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BRASIL, **Ministério da Educação, Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental**. Brasília, MEC/SEF (1998).

BUTLER, Judith. **Cuerpos que importan: sobre los limites materiales y discursivos del "sexo"**. Buenos Aires: Paidós, 2002.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2018.

BUTLER, Judith. **Undoing gender**. New York: Routledge, 2004.

CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam; SILVA, Lorena Bernadete da. **Juventude e sexualidade**. Brasília: Unesco Brasil, 2004.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do Discurso**; Tradução de Laura Fraga Sampaio. 3ª ed. São Paulo: Loyaola. 1996.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**; tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis, 16ª ed. Vozes. 1997.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**; tradução de Roberto Machado. (5ª ed.). Paz e Terra. 2017.

GARRAIO, Júlia; TOLDY, Teresa. “Ideologia de gênero”: origem e disseminação de um discurso antifeminista. **Mandrágora**, v.26, n. 1, p. 129-155. 2020. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/MA/article/view/10283>. Acesso em: 12 set. 2023.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes (Trad.). Rio de Janeiro: LTC, 1975.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

HOOKS, Bell. **Anseios: raça, gênero e políticas públicas**. Tradução Jamilyne Pinheiro. São Paulo: Elefante, 2019.

ISAY, Richard A. **Tornar-se gay, o caminho da auto-aceitação**. São Paulo: GLS, 1998.

LAURETIS, Teresa De. A tecnologia do gênero. Tradução de Suzana Funck. In: Hollanda, Heloisa (Org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, p. 206-242. 1994.

LOURO, Guacira Lopes. **Segredos e mentiras do currículo: sexualidade e gênero nas práticas escolares**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

MENDONÇA JUNIOR, Heriverto Nunes. **Vim por Mar, Vim por Terra: a performance ritual do tambor de mina do Ilê Axé Ogum Sogbô**. Monografia (Licenciatura em Teatro). Universidade Federal do Maranhão. p. 80. 2011.

MEYER, Ilan H. **Prejudice, social stress, and mental health in lesbian, gay, and bisexual populations: Conceptual issues and research evidence**. Psychological Bulletin, 2003.

MISKOLCI, Richard. A teoria queer e a sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 11, n. 21, p. 150-182. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/soc/n21/08.pdf>. Acesso em: 08 set. 2023.

MORAES, Roque; Galiazzi, Maria do Carmo. Análise Textual Discursiva: Processo reconstrutivo de múltiplas faces. **Ciência & Educação**, v.12, n. 1. P 117 – 128, 2016.

NOGUEIRA, Jefferson Gomes. **Educação Militar**: Uma leitura da educação no sistema dos Colégios Militares do Brasil (SCMB). Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade federal de Mato Grosso do Sul. 2014. Disponível em: <https://ppgedu.ufms.br/files/2017/06/Educa%C3%A7%C3%A3o-Militar-Uma-Leitura-da-Educa%C3%A7%C3%A3o-no-Sistema-dos-Col%C3%A9gios-Militares-do-Brasil-Scmb-Jefferson-Gomes-Nogueira.pdf>. Acesso em: 09 set. 2023.

OLWEUS, Dan. Bullying at school: basic facts and effects of a school based intervention program. **Journal of Child Psychology and Psychiatry**. v. 35, p. 1171- 1190, 1994.

OLWEUS, Dan. **Bullying at school**: what we know and what we can do. Blackwell: Oxford. 1993.

SILVA, Jackson Ronie Sá da. **Homossexualidade, medicina e educação**. São Leopoldo: Oikos, 2022.

SUPLICY, Marta. **Sexo se aprende na escola**. São Paulo: Olho d'água, 1995. Revista Construir notícias – nº 25. 2005.

Recebido em 19 de janeiro de 2024

Aceito em 12 de abril de 2024